



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

*O Espaço da Biblioteca:
uma reflexão*

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

Ensaio APB, n.13

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

*O Espaço da Biblioteca:
uma reflexão*

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

Ensaio APB, n.13

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**O Espaço da Biblioteca:
uma reflexão**

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

Ensaio APB, n.13

**São Paulo
1994**

ENSAIOS APB

MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. (Ensaio APB, 1)

MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. (Ensaio APB, 2)

TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infanto-Juvenil. (Ensaio APB, 3)

MURGIA, Eduardo. A Crise na Informação. (Ensaio APB, 4)

OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos Recursos Humanos em Bibliotecas. (Ensaio APB, 5)

BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. (Ensaio APB, 6)

DIAS, Maria Cristina Santrém et alli. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. (Ensaio APB, 7)

FERREIRA, Marta Nosé et alli. Projeto "Soma". (Ensaio APB, 8)

LARROUDE, Rita Luisa et alli. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. (Ensaio APB, 9)

SILVA, Helen de Castro et alli. Um Espaço para a Fantasia. (Ensaio APB, 10)

TOMAZELLI, Angela M. et alli. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. (Ensaio APB, 11)

RIVA, Eliane Barbosa et alli. Terceira Idade: programa integrado. (Ensaio APB, 12)

O Espaço da Biblioteca: uma reflexão

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior ()*

Como Forma de Introdução

A proposta básica do presente texto é discorrer sobre aspectos relacionados ao espaço da instituição biblioteca. O termo espaço está sendo entendido aqui, não no plano técnico, ou seja, layout; formas de racionalizar a movimentação de usuários e funcionários; normas que determinem distância entre estantes, entre mesas de leitura; padrões ergonômicos etc. O que aqui se pretende é discutir, debater, refletir sobre o espaço da biblioteca com enfoque sobre as suas implicações quanto ao "fazer bibliotecário", sobre a própria função dessa instituição, sobre os reflexos do espaço enquanto determinante da concepção do equipamento cultural biblioteca.

A literatura especializada na área não aborda, praticamente, essa problemática. Não há a preocupação, entre os estudiosos do campo da biblioteconomia, da documentação e da ciência da informação, em discutir o espaço da biblioteca. Esse fato pode ser interpretado a partir da idéia "tecnicista" (entendida como a tendência exacerbada em colocar a técnica não como um serviço-meio, mas como um fim em si mesma) que predomina na área. A falta de preocupação com o tema também pode refletir o descaso com as possíveis contribuições de outras áreas do conhecimento humano, muito embora a interdisciplinaridade seja assumida e defendida nos discursos biblioteconômicos e nos textos e estudos publicados. Outra forma de entender esse fato talvez seja o reflexo da característica da área de se isolar, de achar que os problemas enfrentados dentro de seu

(*) Professor do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

campo são resolvidos exclusivamente com soluções geradas e aplicadas em seu próprio interior, sem relação com os problemas mais amplos da sociedade. Essa característica é ressaltada por alguns autores que têm defendido que a postura e as atitudes dos profissionais frente à área devem ser diferenciadas das atuais, incluídos também entre os que precisam alterar seus pontos de vista, os professores e pesquisadores.

Convém ressaltar que as discussões a serem apresentadas são embrionárias, incipientes, representando, na verdade, reflexões ainda não alinhavadas, demandando relações, suportes e contribuições de outras áreas, sem as quais as idéias aqui exteriorizadas serão vazias e continuarão reforçando o isolamento da biblioteconomia.

Reflexões

Historicamente o espaço da biblioteca pouco foi alterado. Desde Nínive (a biblioteca reconhecida hoje como a mais antiga), no século VI ou VII a.C., até as bibliotecas atuais, a estrutura espacial, bem como a organização e a disposição interna, sofreram pequenas mudanças. Tais mudanças ocorreram muito mais pelas transformações das técnicas empregadas pelas bibliotecas, do que por concepções quanto a função e objetivos dessa instituição. Segundo SERRAI, a história das técnicas bibliotecárias pode ser entendida como a própria história da biblioteconomia.

Alguns fatos ocorridos dentro dessa história poderiam contribuir para tornar clara a afirmação daquele autor. No entanto, para os objetivos propostos aqui, torna-se necessário apenas destacar o momento em que o espaço da biblioteca começou a ser utilizado também para exposições. Pode-se, para isso, recorrer ao texto de SERRAI, destacando-se um trecho em que o assunto é abordado:

"As bibliotecas crescem agora rapidamente: os sistemas medievais de conservação dos livros em armários, arcas, estantes de tampo inclinado, não são mais compatíveis com o número de livros impressos. Adotam-se prateleiras encostadas ou embutidas nas paredes e, com o passar do tempo, à uma parte inferior acrescenta-se outra (a galeria) à qual se atinge por meio de rampas ou escadas fixas. Um dos primeiros exemplos

deste tipo de sistema é a biblioteca do Escorial, construída por Felipe II da Espanha. O espaço central das salas, antes destinado às coleções, fica desse modo vazio e livre para exibir objetos curiosos, instrumentos matemáticos, globos, coleções numismáticas, conforme o gosto e os interesses dos eruditos dos séculos XVI e XVII."

As exposições em bibliotecas são muito usadas hoje, embora mais como um modismo, como uma forma de acompanhar idéias que vinculam esse tipo de trabalho a um caráter "moderno" da biblioteca. Quase sempre as exposições são dissociadas de outros eventos e, mesmo, dos interesses da comunidade a quem, ou melhor, com quem a biblioteca deve atuar.

Os trabalhos são desarticulados e, apesar de utilizar o mesmo espaço dedicado às atividades consideradas fundamentais da biblioteca, não cria vínculos que possam mostrar que a cultura não é segmentada, departamentalizada. A biblioteca, com certeza, poderia passar a idéia de cultura como algo integrado, estruturado, e que os equipamentos culturais, apesar de, aparentemente, trabalharem com tópicos específicos, são, sempre, centros culturais, como defende Luis Augusto Milanese.

A idéia de departamentalização, segmentação é própria de um discurso desarticulador, propenso a defender e tentar disseminar como verdade, um ponto de vista, um modo de entender e representar a realidade vinculado a interesses particulares.

Os espaços culturais assim entendidos, estariam voltados para determinadas classes sociais, transformando a maioria da população em "não-público", ou seja, alijadas e desconsideradas na fruição do bem cultural. A cultura seria entendida tão somente como sinônimo de manifestação artística e dissociada do cotidiano e do próprio entendimento e compreensão da maioria da população. Os espaços culturais estariam distantes de grande parte da sociedade, considerados locais de privilegiados sociais, de privilegiados intelectuais. Destituídos do mínimo necessário para usufruir dos bens mantidos e desenvolvidos nesses espaços, a população não lhes oferece, não lhes imputa um valor social, entendendo como algo que não lhes pertence. A própria construção, o edifício que abriga esses espaços é identificado com um "templo", monumental, magnífico, suntuoso, quase transcendental e, o que é pior, frio, vazio, com "imagens" que representam algo exterior à realidade e, ainda, tão distante e impalpável quanto Deus.

A biblioteca foi e ainda é chamada de "templo do saber". Assim entendida, está ela num topo (qual Olimpo), cuja escalada, com os apetrechos e ferramentas possuídas pela população, é quase impossível. Poucos são aqueles que se aventuram nessa empreitada e, mesmo esses, tendem a desistir face a quantidade de obstáculos.

A suntuosidade do espaço, identificado com um templo, exige uma submissão ao saber, ao conhecimento, não oferecendo condições para críticas, pois aqueles que não reconhecem aquele espaço como seu, são pequenos demais para alterar a verdade presente naquele espaço. O livro, em si, já traz intrinsecamente a idéia de verdade absoluta. A palavra impressa possui, para a maioria da sociedade, a conotação de verdade. A Bíblia, "o livro", é um exemplo disso. A partir dessa afirmação, pode-se fazer uso da idéia do "falso" presente na obra "Viagem sobre a irrealidade do cotidiano" de Umberto Eco. O falso, neste caso, pode ser identificado com as interpretações da realidade presentes nos materiais que constituem o acervo da biblioteca. Os textos, os discursos presentes nesses materiais, representam, de fato, um modo de ver, uma maneira de entender e explicar o mundo de cada um dos autores. Tais interpretações, embora identificadas com a verdade como já afirmado, correspondem a visões particulares da realidade e não a própria realidade. No espaço da biblioteca, "as realidades" estão presentes e podem ser resgatadas; no espaço da biblioteca, "as verdades" estão a disposição dos interessados; no espaço da biblioteca, o falso se faz real.

É normal a exigência, por parte das bibliotecas, do uso do seu acervo para permitir a ocupação do espaço dedicado à leitura e à consulta. Um usuário que quiser consultar seu próprio material, invariavelmente é barrado pelas regras e regulamentos da biblioteca. Exemplo dessa situação pode ser observado no relato de Ezequiel Theodoro da Silva:

"Cruzei a Avenida Rio Branco aos pulos, pois chovia muito. Subi as escadarias da Biblioteca Nacional feito um relâmpago. Cheguei ao guichê de entrada onde limpam-me de todos os meus pertences, sendo que, para conseguir um crachá de acesso, tive de apresentar a minha carteira de identidade a uma das atendentes. Até aí tudo bem, mesmo passando por suspeito até segunda ordem..."

"Rodei a catraca da porta de entrada, onde, do lado de dentro, se postava uma velha senhora com os braços cruzados. Perguntei-lhe em que lugar eu poderia me sentar a fim de terminar de escrever o meu texto. Sem nada dizer, ela lentamente ergueu o braço direito indicando-me uma das portas que dava para a sala de leitura no andar térreo. Já com um pouco de frio (a temperatura caíra drasticamente naquela manhã) e com a camisa meio molhada (não pude evitar a chuva), segui rapidamente na direção da porta indicada -- eu queria terminar o texto da conferência o mais rápido possível de modo que me sobrasse algum tempo para admirar a arquitetura da maior e mais famosa biblioteca brasileira.

"Quando adentrei a sala de leitura -- imensa... e com apenas alguns gatos pingados distribuídos individualmente pelas mesas --, começou o inferno... 'Psiu, psiu! Onde o senhor vai?', surpreendeu-me uma senhora sentada logo atrás da porta e cuja fisionomia não deu para perceber muito bem. Expliquei-lhe que desejava terminar de ler e escrever um texto para cumprir um compromisso. Ela deu com a cabeça de lado e continuei seguindo em direção a uma das mesas. 'Psiu, psiu! Vem aqui senhor...' -- era uma segunda senhora que, atrás de um balcão, me chamava com o dedo para perto de si. Repeti-lhe o objetivo de minha visita, mostrei-lhe as folhas do manuscrito da palestra, apresentei-lhe minha identificação de pesquisador e professor da UNICAMP etc., mas ela, com um cenho de pequena autoridade, exclamou secamente que ali eu não poderia ficar, pois se tratava de um local de consulta. Ia dizer-lhe que consultaria o meu próprio manuscrito, mas de pronto desisti desse propósito em função da feição feia e mumificada que eu tinha pela frente. Joguei os meus braços para cima e, frustrado, com o rabo entre as pernas, saí da sala...

"Cruzei o salão central, olhando de esguelha as fotos de uma exposição que havia no local. Em frente, do lado oposto, uma outra sala -- quem sabe ali encontraria um pouco mais de solidariedade, pelo menos até que a chuva lá fora tivesse passado. Porém, no meio do caminho, a porteira (aquela que há pouco me indicara a sala) me fez parar e perguntou o porquê do meu retorno tão rápido ao salão. Novamente lhe contei toda a história e perguntei se poderia usar a sala em frente para terminar de rever o meu texto. (Quem sabe... um pouco de compreensão... estava chovendo lá fora...)

"'Para entrar com seu material e escrever lições, você tem que ir para uma outra biblioteca que fica a uns três quarteirões daqui. Aqui não pode escrever texto, só consultar!'" (SILVA, p.97-8).

Pode-se deduzir do fato descrito (ressaltando que o caso relatado pode ser, sem receio de erro, generalizado) a idéia de que a biblioteca e, obviamente, os bibliotecários, estão presos aos seus acervos, ignorando a existência de informações em outros locais. Isso contradiz concepções sobre a função do profissional que afirmam ser ela a intermediação entre a necessidade de informação e a resposta. Dentro de um universo assustador de informações, onde a "não-informação" ocorre tanto por falta como por excesso; dentro de uma realidade que impede a qualquer profissional, especializado ou não, ter acesso a toda a informação publicada em sua área; numa situação em que todos vivem imersos em informações, a função de sanar necessidades de informações não pode se restringir, sob pena de não alcançar seu objetivo, ao pequeno, precário e limitado acervo constituído por uma única biblioteca.

A biblioteca, a partir da idéia ou da situação acima exposta, reduz-se a um pequeno espaço, ínfimo quando comparado com o todo de informações lançadas à público. Esse pequeno espaço, limite da própria competência dos profissionais que nela atuam, é incompatível, por exemplo, com as propostas de ação cultural que defendem a ampliação do espaço para sua aplicação e desenvolvimento. A rigidez em manter o seu espaço apenas para uso dos materiais e das informações contidas em seu acervo, denota também o distanciamento ente biblioteca e sociedade e, inclusive, a dissociação dela, biblioteca, em relação à comunidade a quem deve servir.

Os serviços prestados, quando oferecidos pelo tipo de biblioteca apresentada, têm suas fronteiras máximas no acervo existente no espaço que constitui aquela biblioteca em particular. Trabalhos como "Hora do conto" ou leituras que proponham, ao seu final, uma representação ou uma exteriorização do seu entendimento através de pintura, colagem, dramatização etc., têm como objetivo levar as crianças (normalmente o alvo dessas atividades) ao manuseio e conseqüente leitura dos livros e materiais possuídos ou localizados no acervo daquela biblioteca. Inexiste, ou existe de forma limitada, a idéia de utilizar outros acervos ou, melhor, apenas iniciar, com o tipo de trabalho apresentado, um interesse pela leitura que não necessariamente deve ser concretizado no espaço ou utilizando exclusivamente os materiais mantidos naquele espaço.

As estatísticas ou a necessidade de quantificar os serviços prestados acabam por exigir dos profissionais que atuam nessas bibliotecas, o direcionamento dos usuários para a utilização de seu acervo. Muito embora existam justificativas para esse procedimento,

através de afirmações que pregam o fechamento de bibliotecas se não se provar o atendimento a grande número de usuários, ou afirmações, mais amenas mas não menos apocalípticas, que prevêm a redução das já inexistentes verbas para manutenção e ampliação do acervo -- apesar dessas justificativas, não há argumentação capaz de apoiar o exagerado e exacerbado apego ao acervo de uma única biblioteca. A qualidade dos serviços fica submetida a necessidade de quantificação e submissa aos ociosos números das estatísticas.

Para visualizar a importância que é outorgada ao acervo nas bibliotecas, basta observar que quando esse acervo aumenta, o que, é claro, ocorre rotineiramente, ele avança ocupando espaços destinados inicialmente aos usuários. Logo, são estes preteridos em favor daquele.

Outro acontecimento recorrente nas bibliotecas, e que denota a exagerada e deturpada importância que se dedica ao acervo, é a prática de se fechar o acesso aos materiais quando o número de roubos é considerado além do tolerável ou esperado. Tal prática contradiz um dos principais objetivos das bibliotecas: disseminar a informação, democratizando o acesso a ela. Quando um acervo é fechado, dá-se maior importância à preservação do que à disseminação. Historicamente, até o início da década de 70, a preservação foi o aspecto a que os bibliotecários dedicavam maior preocupação. Dessa época para cá, no entanto, a disseminação passou a ser considerada como meta, como finalidade, como o verdadeiro e primordial objetivo das bibliotecas. O cerceamento do acesso dos usuários aos materiais representa a predominância da burocracia sobre os serviços fins, sobre os trabalhos desenvolvidos e oferecidos à comunidade.

O caso relatado por Ezequiel Theodoro da Silva também evidencia o "poder" de que se auto-revestem os profissionais que desenvolvem seus trabalhos nas bibliotecas. O usuário, além de não conseguir lidar ou se relacionar com o espaço desse equipamento cultural, ainda sofre pressões alicerçadas nesse falso "poder". Traduzida de forma exagerada, mas não menos eficaz aos fins propostos, essa pressão também aparece no relato de Briquet de Lemos, como um fato aparentemente de exceção, mas que o próprio texto se incumbem de sugerir ser ele presente de forma constante:

"Peço-lhes que formem em suas mentes a seguinte imagem. Estamos no salão de uma biblioteca pública municipal. Numa cidade nova, fundada há cerca de quarenta anos,

capital de um Estado em acelerado crescimento. Nesse salão de leitura encontram-se umas duas dezenas de jovens, estudantes do primeiro e segundo graus. À direita, numa sala separada por um balcão, acham-se dispostas estantes de livros, vigiadas por atentos servidores. Os leitores não têm livre acesso às estantes. À esquerda, na sala de trabalho dos funcionários, o catálogo da biblioteca. Os leitores não têm acesso ao catálogo. Os estudantes disciplinada e mecanicamente, copiam de esfrangalhadas enciclopédias as suas 'pesquisas', com o indicador esquerdo percorrendo as linhas do texto enquanto a direita transcreve os passos considerados relevantes. Mãos e braços movem-se com a articulação de um pantógrafo. As mentes estão distantes. No centro do salão, dominador, mas desleixadamente sentado no canto de uma mesa, um guarda de segurança, uniformizado e apetrechado, impõe respeito à integridade dos livros utilizados, enquanto a mão direita repousa, ostensivamente, sobre o cabo do revólver no coldre pendente da cintura. Todos os que entram naquele templo do saber não podem esquivar-se dessa visão. Espaço e tempo dessa imagem: agosto de 1978. Goiânia, capital Goiás." (LEMOS, p.203-4).

Outro ponto que pode servir para a reflexão da problemática do espaço da biblioteca, pode ser destacado do trecho acima reproduzido: o acervo fechado. Boa parte das bibliotecas, quer públicas, escolares ou, ainda, universitárias, não permitem o acesso livre às estantes, ou seja, não é possibilitado aos usuários o contato direto com os materiais que pretendem e precisam consultar para desenvolver suas pesquisas. O modelo americano de biblioteconomia, importado e implantado na década de 30 em São Paulo por Rubens Borba de Moraes (e logo assumido por outros Estados), defende um pragmatismo, inexistente no modelo, por exemplo, europeu. Esse pragmatismo implica, entre outros, na abertura do acervo para os usuários, possibilitando uma proximidade com as fontes informacionais. Hoje, consideramos essa proximidade imprescindível para o desenvolvimento de qualquer pesquisa de caráter acadêmico, científico. A relação direta com os materiais está adequada com a própria idéia de pesquisa, pois pressupõe um contato com informações desconhecidas ou, aparentemente, perdidas no universo informacional. A procura de uma informação específica pode acarretar o encontro de várias outras informações que estão relacionadas, de um modo ou de outro, com a pesquisa que motivou a presença do pesquisador na biblioteca. O acervo fechado implica numa divisão do espaço disponível, de forma a cercear a circulação do usuário, permitindo-lhe acesso apenas a pequenas áreas. O distanciamento entre ele e a informação de que necessita é, obviamente, ampliado.

A própria existência do acervo passa a ser questionada, atualmente, pelas bibliotecas especializadas. Muitas delas desenvolvem seus trabalhos sem a necessidade de materiais de apoio alocados em seu espaço. Na verdade, tais bibliotecas têm seus serviços voltados para a informação, localizando-as em qualquer local, sejam outras bibliotecas, outros centros de documentação e informação ou, hoje com grande constância tendendo a se ampliar, nas bases e bancos de dados. Os materiais que constituem o acervo dessas bibliotecas quase sempre são informações referencias (ou, em alguns casos, de textos completos), recuperadas de suportes automatizados (principalmente o CD-ROM). Outra forma de permitir o acesso dos usuários às informações é servindo apenas como intermediária entre as solicitações e as respostas localizadas em fontes externas. O usuário, para obter as informações de que necessita, não precisa se deslocar até a biblioteca, podendo acessá-la à distância através de um microcomputador. A partir dessa ligação com a biblioteca, pode ele, usuário, entrar em contato com inúmeras redes de informações (referenciais ou de texto completo), além de, desejando, entrar em conexão com outros profissionais ou pesquisadores da sua área de interesse. O termo "biblioteca virtual" começa a ser empregado e aceito para designar esse tipo de biblioteca.

É evidente que um centro de documentação e informação assim estruturado, tem seu espaço totalmente alterado e transformado, adaptando-se às exigências do avanço tecnológico. A relação pessoal, face a face, entre bibliotecário e usuário deixa de existir, assim como a forma deste último se movimentar no universo informacional, além de modificar os instrumentos que o bibliotecário emprega para conhecer e traçar o perfil da comunidade a que deve atender.

As bibliotecas especializadas que, por necessidade, precisam manter acervos básicos, já se utilizam da tecnologia da "digitalização de imagens", diminuindo os espaços de armazenamento e determinando o uso de novos suportes informacionais. O usuário, querendo ou não, deve se adaptar a essa nova realidade.

As bibliotecas públicas, escolares e universitárias, diferentemente das especializadas, no entanto, ainda trabalham com os antigos materiais, principalmente aqueles sob suporte papel.

Outro ponto que deve ser discutido refere-se às técnicas biblioteconômicas, principalmente quanto aos aspectos de padronização.

O emprego internacional das técnicas biblioteconômicas baseia-se na idéia consolidada e enraizada nos que atuam na área, da necessidade de integrar os vários sistemas de informação, visando a troca de informações coletadas e armazenadas. Tais trocas permitiriam a recuperação de uma gama maior de informações e o acesso a essas mesmas informações, independentemente do local ou do sistema onde estão alojadas, por parte de usuários interessados. A facilidade do uso da informática não só reforçou a idéia de integração entre os sistemas, como também fortaleceu as propostas de padronização das técnicas empregadas, em detrimento das necessidades e demandas específicas.

A idéia de uma torre de babel, que permitiria caminhos e trajetos diversos dos tradicionalmente trilhados (podendo ser visualizada na própria idéia do "hipertexto"), é sufocada pelas propostas de padronização e integração.

Padronização e integração podem ser entendidas como formas que contribuem na determinação da linearidade da história da biblioteconomia.

A história da biblioteconomia é linear, redundando no próprio caráter retrógrado e conservador da área. A idéia do avanço, do progresso apenas cumulativo, sem possibilidades de quebras, de transformações, de desvios, é aceito e defendido como verdade absoluta não só pela maioria dos que estudam a área, como também pelos profissionais que nela atuam.

A imagem relacionando biblioteca e livro, pode ser discorrida neste momento objetivando abordar a compartimentalização do acervo, com implicações no espaço da biblioteca.

O acervo da biblioteca é constituído de tipos variados de "suportes". Os mais comuns, evidentemente, são o livro, o folheto, os recortes e os periódicos, incluídos nestes os jornais e as revistas. Outros suportes estão, cada vez mais, ampliando seus espaços dentro das bibliotecas: o disco, a fotografia, o slide, a fita de áudio, o compact-disk, a fita de vídeo, o filme, a revista em quadrinhos, o brinquedo, a partitura e, dependendo do tipo de

biblioteca, a norma técnica, a patente, o relatório, o disquete, o cd-rom (compact-disk read only memory), o cd-erasable etc.

Espacialmente, a biblioteca está, quase sempre, segmentada de acordo com o tipo de suporte, inclusive com divisões dentro de cada um desses tipos.

Ao entrar em uma biblioteca, o usuário, motivado por um questionamento, uma curiosidade ou pela necessidade de uma pesquisa -- seja ela pessoal, escolar ou profissional -- pode se utilizar de três formas para obter a informação ou informações desejadas: o catálogo, o bibliotecário de referência e o próprio acervo. Dirigindo-se diretamente ao acervo, o usuário deve, necessariamente, possuir um conhecimento prévio das formas de organização de uma biblioteca, bem como a estrutura dos instrumentos empregados para o tratamento técnico dos materiais. O uso do catálogo pressupõe uma formulação anterior do perfil da questão, seu delineamento correto e o domínio da linguagem documentária (artificial) utilizada por aquela biblioteca em especial. A solicitação da ajuda do bibliotecário de referência ocorre, na maioria das vezes, quando a questão não está bem definida e formulada para o próprio usuário, levando-o a recorrer da intermediação e mediação daquele profissional.

Essas três formas representam maneiras que, embora diferentes, permitem a recuperação de informações que respondam e satisfaçam as necessidades que levaram um usuário a procurar uma biblioteca. Podem ser facilmente identificadas com partes de um livro: o sumário (catálogo), os índices (bibliotecário de referência com o apoio de fontes de informações) e a procura aleatória, o folhear das páginas (caminhar pelo acervo buscando o espaço destinado ao assunto desejado).

A divisão determinada pelos códigos que classificam por assunto os materiais existentes no acervo de uma biblioteca, são, normalmente, estruturados de forma arborizada, ou seja, um assunto será desmembrado a partir de tópicos considerados mais gerais; cada um desses tópicos também será segmentado em subtópicos, numa sucessão infinita. Os principais códigos possuem uma "base decimal", determinando que todas as divisões serão feitas de dez em dez. A organização (o arranjo) das estantes e prateleiras das bibliotecas segue a sistemática preconizada e padronizada pelos códigos: uma seqüência infindável "do geral para o específico".

Cada tipo de suporte presente no acervo, tem os assuntos básicos e de interesse da biblioteca determinando a disposição de seus materiais.

É possível, assim, relacionar o acervo (com as divisões por tipo de suporte e por assunto) com os capítulos e as partes de um livro. O autor desse "livro" engloba não só o bibliotecário de referência (que faz a mediação entre o usuário e a informação), mas também todos os profissionais bibliotecários que, selecionando, adquirindo e tratando tecnicamente os materiais, influíram no discurso, no conteúdo, único, daquele acervo. Pode-se incluir como autor desse livro, as comissões internacionais que são responsáveis pela atualização dos códigos de classificação e, também, as editoras que direcionam o perfil do mercado editorial.

A disposição espacial dos diversos tipos de suporte e a ordenação por assunto dos materiais, ditados pelos códigos internacionais, determinam uma única leitura da biblioteca, uma leitura linear. As propostas de uso de "thesaurus", de linguagens documentárias estruturadas diversamente dos antigos "cabeçalhos de assuntos", permitem (ou permitiriam) ao usuário, uma forma de leitura alternativa da biblioteca. Essa leitura estaria muito mais próxima do "hipertexto", quebrando a obrigatoriedade da leitura linear. No entanto, pensando no espaço da biblioteca cujo acesso é permitido ao usuário, não há indícios de mudanças, alterações. O atendimento ao usuário não acompanha, ainda, as idéias que alteram outros trabalhos desenvolvidos na biblioteca.

A compartimentalização do acervo da biblioteca é uma forma de controle, tanto dos suportes como do usuário, além de representar, na verdade, uma forma de ver e interpretar o passado, o homem, as relações sociais etc.

Algumas vezes a idéia ou a preocupação com o espaço acontece, surge por acaso ou motivada por uma determinada situação. Como exemplo é possível citar a relação da criança com o espaço existente nas bibliotecas infantis. Quase sempre a criança ocupa todos os espaços das bibliotecas, inclusive aqueles que, a priori, não lhe são permitidos. Quando uma biblioteca infantil está alojada no mesmo prédio que uma biblioteca destinada para adultos, as crianças tendem a se apropriar até mesmo dos espaços dedicados exclusivamente aos adultos. Fazem dos espaços das bibliotecas, muitas vezes apesar das muitas restrições a que são submetidas, extensões de outros espaços. Só se preocupam com

as sanções e punições quando são advertidas. O ocupar os espaços, disponíveis ou não, é intrínseco à criança. Infelizmente, isso vai se perdendo com o ajuste forçado às regras e controles sociais.

Outro exemplo da preocupação com o espaço -- que surge por força das circunstâncias e da situação -- é a história da biblioteca de vidro, da biblioteca transparente. Embora real, foi publicada com nomes fictícios por Luis Milanese no livro "A casa da invenção" e aqui resumida e adaptada. Um prefeito de uma pequena cidade do interior do estado de São Paulo determinou aos engenheiros que trabalhavam para a prefeitura, a criação de um projeto para a construção de um prédio que abrigasse uma biblioteca e um centro cultural. O prédio seria construído na praça principal (e central) da cidade, mas sem que nenhuma das árvores lá existentes fossem destruídas, arrancadas ou transplantadas para outro local. Além disso, o interior da construção deveria permitir a total visão da praça, principalmente das, já famosas, árvores. O próprio prefeito propôs que a construção utilizasse paredes de vidros. Expondo para um ilustre visitante o projeto, espantou-se quando o outro perguntou como seria resolvido o problema de vários eventos ocorrendo simultaneamente. Depois de pensar um pouco, o prefeito, resignado, confessou que aquele problema não fora até então aventado, mas que, naquele mesmo momento, já encontrara a solução: seriam construídas divisórias só que, obviamente, de vidro. A outra pergunta do visitante, no entanto, deixou o prefeito deprimido: uma biblioteca precisa de estantes, livros, mesas, fichários, além de pessoas que circularão constantemente pelo local. Qual seria a solução para que esses materiais, inclusive as pessoas, não obstruíssem a visão da praça e das decantadas árvores? Seriam todos os materiais também de vidro? O prefeito não respondeu, mas, praticamente desistindo do projeto, refletiu consigo mesmo sobre a dificuldade de se implantar uma biblioteca e um centro cultural num país como o Brasil.

A biblioteca deve ter como preocupação a forma como o homem se vê, a forma como o homem vê a si mesmo, na medida em que possibilita o acesso a textos "preservados", "armazenados", "mantidos", "resguardados", para o próprio homem. Como permitir ao homem, como num espelho, ver seu próprio reflexo, através dos materiais e informações existentes na biblioteca? Seria isso possível, por exemplo, a partir de propostas de Luis Augusto Milanese, que defendem a presença nos acervos das bibliotecas de textos contraditórios e que evidenciam tais contradições? O contato com textos contraditórios permitiria ao homem perceber a contradição da condição humana, a contradição da existência, as contradições sócio-político-culturais onde está imerso e, a partir daí, se

reconhecer como ser, se reconhecer como elemento das relações sociais, se reconhecer como produtor de cultura, se reconhecer como alguém que deve participar das determinações dos rumos, dos destinos da história, se reconhecer como cidadão? A resposta ou respostas a essas indagações talvez, neste momento, importe pouco, entretanto, é importante afirmar que a biblioteca deve ser um local que propicie ao homem pensar sobre sua presença dentro do mundo, pensar sobre seu "espaço".

Bibliografia

- ECO, Umberto. *Viagem sobre a irrealidade do cotidiano*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 19.
- LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. A biblioteca pública em face da demanda social brasileira. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.12, n.3/4, p.203-10, jul./dez. 1979.
- MILANESI, Luis Augusto. *A casa da invenção*. São Paulo : Siciliano, 1991.
- SERRAI, Alfredo. História da biblioteca como evolução de uma idéia e de um sistema. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.4, n.2, p.141-61, set. 1975.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo : Atica, 1991.